REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 20/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/p2c6bq06
Pages: 1-18

A HISTÓRIA DA LEITURA: TRAJETÓRIAS, TRANSFORMAÇÕES E PERMANÊNCIAS

THE HISTORY OF READING: TRAJECTORIES, TRANSFORMATIONS AND PERMANENCES

LA HISTORIA DE LA LECTURA: TRAYECTORIAS, TRANSFORMACIONES Y PERMANENCIAS

Mayara Rossi
Doutoranda em Educação para Ciências e Matemática
Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Goiás
Jataí – Goiás, Brasil
E-mail: professoramayararossi@hotmail.com

Alessandra Agenor de Moura
Mestranda em Letras
Universidade do Estado de Mato Grosso
Sinop, Mato Grosso, Brasil
E-mail: alessandra.moura@unemat.br

Ana Lúcia Ponciano Ribeiro
Mestranda em Letras
Universidade do Estado de Mato Grosso
Sinop, Mato Grosso, Brasil
E-mail: anaponci@hotmail.com

Daniele de Souza Silva
Especialista em Neuropsicopedagogia e Educação Especial
Faculdade Única de Ipatinga
Ipatinga - Minas Gerais, Brasil
E-mail: daniele.nobres@outlook.com

Edson Garcia da Silva
Formação acadêmica mais alta com área: Especialista em Educação Especial e Inclusiva
Instituição de formação: AVM Educacional.
Endereço: Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
E-mail: edson.garcia@unemat.br

Katia Gisele de Oliveira Langaro

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 20/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/p2c6bq06
Pages: 1-18

Mestranda em Letras
Universidade do Estado de Mato Grosso
Sinop, Mato Grosso, Brasil
E-mail: katia.langaro@unemat.br

Márcia Rossi Vidal
Especialista em Gestão, Orientação e Supervisão com Enfâse em Psicologia Educacional
Faculdade Rolim de Moura
Rolim de Moura, Rondônia, Brasil
E-mail: acs_marcia_rossi@hotmail.com

Marcos Sousa Rabelo
Doutor em Ciências Florestais
Universidade Federal de Viçosa
Viçosa, Minas Gerais, Brasil
E-mail: marcos.rabelo@ifmt.edu.br

Mariceli Tavares
Mestranda Profissional em Educação Física
Universidade Federal de Mato Grosso
Cuiabá, Mato Grosso, Brasil
E-mail: maricelitavares@hotmail.com

Marília Darc Cardoso Cabral e Silva
Mestra em Educação para Ciências e Matemática
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Jataí, Goiás, Brasil
E-mail: mariliadarccardoso@gmail.com

Muriel Braga de Oliveira
Especialista em Gestão Escolar
Instituição de formação: Universidade Federal de Itajubá
Itajubá – Minas Gerais, Brasil
E-mail: murielbraga47@gmail.com

Sirlei Moura Mombach
Especialista em Alfabetizalção e Letramento
Faculdade de Educação São Luís
Jaboticabal, São Paulo, Brasil
E-mail: sirleimouramombach@gmail.com

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 20/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/p2c6bq06
Pages: 1-18

Resumo

O objetivo da presente pesquisa foi analisar o desenvolvimento histórico da leitura, destacando as transformações sociais, políticas e culturais que influenciaram essa prática desde suas origens até a contemporaneidade, com especial atenção ao contexto brasileiro. Tal estudo se refere a uma revisão narrativa da literatura com enfoque qualitativo. A coleta de dados foi realizada por meio de levantamento bibliográfico, contemplando livros, artigos científicos e documentos teóricos sobre a temática da leitura. Não houve recorte temporal, permitindo incluir obras clássicas e estudos atuais. Os materiais foram selecionados conforme sua relevância e contribuição para a compreensão do tema. Os dados foram análise por meio da análise de livre interpretação. Como resultados evidencia-se que a leitura é uma prática dinâmica, moldada pelas transformações sociais, culturais e tecnológicas ao longo do tempo. No Brasil, seu acesso evoluiu de um privilégio das elites para um processo de democratização, embora ainda existam desafios significativos. A era digital amplia possibilidades, mas exige novos letramentos, coexistindo com a leitura tradicional. A perspectiva de Jauss destaca a importância dos leitores na construção do sentido e na renovação das práticas de leitura. Conclui-se que ler é uma prática essencial e em constante reinvenção, fundamental para a formação crítica e cultural.

Palavras-chave: Leitura; Literatura; História; Transformações.

Abstract

The objective of this research was to analyze the historical development of reading, highlighting the social, political, and cultural transformations that have influenced this practice from its origins to the present day, with special attention to the Brazilian context. This study refers to a narrative literature review with a qualitative focus. Data collection was carried out through a bibliographic survey, encompassing books, scientific articles, and theoretical documents on the theme of reading. There was no temporal limitation, allowing the inclusion of classic works and current studies. The materials were selected according to their relevance and contribution to the understanding of the topic. The data were analyzed through free interpretation. The results show that reading is a dynamic practice, shaped by social, cultural, and technological transformations over time. In Brazil, access to reading has evolved from a privilege of the elites to a process of democratization, although significant challenges still exist. The digital age expands possibilities but demands new literacies, coexisting with traditional reading. Jauss's perspective highlights the importance of readers in the construction of meaning and in the renewal of reading practices. In conclusion, reading is an essential and constantly reinventing practice, fundamental for critical and cultural development.

Keywords: Reading; Literature; History; Transformations.

Resumen

El objetivo de esta investigación fue analizar el desarrollo histórico de la lectura, destacando las transformaciones sociales, políticas y culturales que han influido en esta práctica desde sus

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 20/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/p2c6bq06
Pages: 1-18

orígenes hasta la actualidad, con especial atención al contexto brasileño. Este estudio se basa en una revisión narrativa de la literatura con un enfoque cualitativo. La recopilación de datos se realizó mediante un estudio bibliográfico que abarcó libros, artículos científicos y documentos teóricos sobre el tema de la lectura. No hubo límite temporal, lo que permitió la inclusión de obras clásicas y estudios actuales. Los materiales se seleccionaron según su relevancia y contribución a la comprensión del tema. Los datos se analizaron mediante libre interpretación. Los resultados muestran que la lectura es una práctica dinámica, moldeada por las transformaciones sociales, culturales y tecnológicas a lo largo del tiempo. En Brasil, el acceso a la lectura ha evolucionado de un privilegio de las élites a un proceso de democratización, aunque aún existen importantes desafíos. La era digital amplía las posibilidades, pero exige nuevas alfabetizaciones, coexistiendo con la lectura tradicional. La perspectiva de Jauss destaca la importancia de los lectores en la construcción de significado y en la renovación de las prácticas lectoras. En conclusión, la lectura es una práctica esencial y en constante reinvención, fundamental para el desarrollo crítico y cultural.
Palabras clave: Lectura; Literatura; Historia; Transformaciones.

1. Introdução

A leitura, enquanto prática social e cultural, constitui-se como um elemento central na formação humana e no desenvolvimento das sociedades. Sua evolução ao longo da história está profundamente marcada pelas transformações tecnológicas, educacionais e políticas que moldaram diferentes modos de produzir, distribuir e interpretar os textos. Desde os registros mais remotos até as práticas contemporâneas mediadas pelas tecnologias digitais, a leitura revela-se como um fenômeno dinâmico, atravessado por disputas de acesso, por processos de escolarização e por mudanças nos horizontes culturais de cada época.

Nesse sentido, autores como Lajolo e Zilberman (1996) evidenciam que, no Brasil, a leitura historicamente esteve associada a práticas elitizadas e restritivas, ao passo que Chartier (2001) discute como as transformações nos suportes materiais do texto repercutem diretamente nas formas de ler e na experiência do leitor.

A importância de discutir esse percurso histórico torna-se ainda mais evidente quando se consideram os desafios contemporâneos relacionados à formação de leitores e ao acesso equitativo aos bens culturais. Em um cenário marcado pela expansão das tecnologias de informação e pela diversificação dos

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 20/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/p2c6bq06
Pages: 1-18

formatos de leitura, compreender a historicidade dessa prática contribui para desnaturalizar seus processos, identificar continuidades e rupturas e refletir sobre as implicações educacionais e sociais que emergem desse movimento. Assim, justifica-se esta pesquisa na medida em que a leitura permanece como um dos pilares para o desenvolvimento do pensamento crítico, para a construção de identidades e para a participação cidadã, sendo necessário compreender como sua trajetória histórica ainda reverbera nas práticas escolares e nos modos de ensinar e aprender.

Diante dessas considerações, este estudo tem como objetivo analisar o desenvolvimento histórico da leitura, destacando as transformações sociais, políticas e culturais que influenciaram essa prática desde suas origens até a contemporaneidade, com especial atenção ao contexto brasileiro.

O problema de pesquisa que orienta este trabalho pode ser assim formulado: de que modo a leitura se desenvolveu historicamente e quais fatores contribuíram para que essa prática assumisse diferentes formas, funções e significados ao longo do tempo, especialmente no Brasil?

2. Metodologia

O estudo é uma revisão narrativa da literatura com enfoque qualitativo. Cordeiro *et al*. (2007) ressaltam que a revisão narrativa oferece uma abordagem mais abrangente e menos restrita em comparação com a revisão sistemática. Ao contrário da revisão sistemática, ela geralmente não começa com uma pergunta específica bem definida e não requer a implementação de um protocolo estrito. Ademais, a busca por fontes não é organizada previamente, o que geralmente resulta em uma abordagem menos abrangente. Por outro lado, a seleção dos estudos é mais arbitrária, o que torna o processo suscetível a possíveis vieses de seleção e à influência da percepção subjetiva do pesquisador.

Assim, as revisões narrativas se destacam pela maior flexibilidade e abertura, possibilitando uma investigação abrangente do assunto. Entretanto, por possuírem processos de busca e seleção menos detalhados, podem estar sujeitas

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 20/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/p2c6bq06
Pages: 1-18

à subjetividade do autor, o que as faz ser menos objetivas em relação às revisões sistemáticas, que têm como objetivo assegurar maior rigor metodológico e imparcialidade na análise das fontes.

Quanto a pesquisa qualitativa, esta é definida por Guerra *et al.* (2024) como uma abordagem metodológica que busca compreender profundamente os fenômenos estudados, focando em contextos sociais, culturais e individuais. Ela se destaca por explorar a complexidade dos dados e pela busca de uma interpretação rica e detalhada da realidade, ao invés de apenas quantificar ou medir. A pesquisa qualitativa é essencial para explorar fenômenos em profundidade e oferece um entendimento mais subjetivo e contextualizado dos temas abordados.

A coleta de dados deste estudo ocorreu por meio de levantamento bibliográfico, envolvendo a consulta a livros, artigos científicos e documentos teóricos que abordam a temática da leitura e seu desenvolvimento histórico. Não houve delimitação temporal prévia, permitindo a inclusão de produções de diferentes períodos, desde obras clássicas até estudos contemporâneos, de modo a favorecer uma compreensão ampla e contextualizada do fenômeno investigado. A seleção do material considerou a relevância dos autores para a área, a consistência teórica das obras e sua contribuição para a discussão acerca das práticas de leitura.

O método de análise utilizado foi a análise de livre interpretação. Segundo Anjos, Rôças e Pereira (2019), essa abordagem busca articular a subjetividade do pesquisador com fundamentos teórico-metodológicos, permitindo que teoria e prática dialoguem de modo fluido. A ALI não se limita à aplicação rígida de conceitos, mas acolhe a experiência, as vivências e o olhar interpretativo do professor-pesquisador, que analisa os dados a partir de inferências construídas durante o contato com os sujeitos e com os acontecimentos investigativos. Assim, a análise é conduzida por “movimentos interpretativos”, em que os referenciais teóricos não funcionam como moldes fixos, mas como aportes que ajudam o pesquisador a compreender diferentes quadros e significados emergentes no processo investigativo.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 20/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/p2c6bq06
Pages: 1-18

3. Resultados e discussões

A história da leitura é um reflexo das transformações sociais, culturais e educacionais que ocorreram ao longo de muitos anos, desde o período da antiguidade até os dias mais atuais. Desse modo, pode-se considerar que a leitura não é algo recente, o ato ler vem sendo desenvolvido com o passar dos anos, ocorria já na Antiguidade, no período paleolítico. Os registros rupestres encontrados em vários lugares e espalhados pelo mundo todo contêm imagens dos acontecimentos diários das pessoas dessa época. Esses registros e demais formas de comunicação que foram criados ao longo do tempo ocorreu devido à necessidade que os seres humanos têm de se comunicar e se fazer entender (Moraes; Coengo, 2023).

Na fase inicial da Idade Média, a leitura era organizada em mosteiros e o livro dos salmos passou a ser a cartilha de ler e escrever. As atividades de leitura passaram a ser regulamentadas e organizadas em parágrafos e títulos, observando as funções gramaticais. “A leitura era realizada em voz alta, respeitando a pontuação e o leitor deveria comentar as características de vocabulário, interpretando seu conteúdo, principalmente subordinando a leitura, à educação religiosa, as Sagradas Escrituras” (Knuppel, 2002, p. 05).

Somente no século X que esse aspecto muda e as pessoas começam a ler de forma silencios. “O leitor podia estabelecer uma relação mais próxima com o livro e as palavras e, entra em cena o espaço interior, espaço este em que o leitor podia antecipar leituras, pular trechos, realizar comparações com outros livros deixados abertos para consulta simultânea”. (Knuppel, 2002, p. 05-06).

No Brasil colonial poucas eram as pessoas letradas, somente os portugueses, “senhores de engenho e seus filhos, homens do clero e os nobres. O restante da população ficava excluída do universo das letras. Em outras palavras, a leitura no Brasil era predominantemente uma atividade restrita às elites (Oliveira; Batista, 2018).

Segundo Lajolo e Zilberman (1996) a leitura no Brasil colonial circulava em torno de um circuito restrito e elitizado, dominado pelos sacerdotes. A principal

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 20/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/p2c6bq06
Pages: 1-18

forma de disseminação do conhecimento era através de textos religiosos trazidos pelos jesuítas (responsáveis pela educação formal), limitando o acesso à leitura de obras seculares, assim não havia diversidade de leitura.

Por volta de 1549, com achegada dos jesuítas inicia-se a história da educação no Brasil, mas ainda direcionada para um público restrito" (Oliveira; Batista, 2018. p. 66) como afirmam Lajolo e Zilberman acima. Em relação à língua a maior preocupação era com a compreensão da gramática, e pouca atenção era dada a complexidade da leitura (Oliveira; Batista, 2018).

De acordo com Bastos (1982) do ano de 1800 ao ano de 1807 o Brasil mudou pouco em relação ao ensino, os trabalhos feitos em relação a leitura ainda eram relacionados a gramática, exigência imposta por D. José I, que a exigiu não só na metrópole, mas em todas as suas colônias.

A partir do ano de 1808, começaram a acontecer algumas mudanças no que concerne a leitura. A mudança da coroa portuguesa de Portugal para o Brasil trouxe modificações para a língua que era falada no Brasil, assim como trouxe à tona o significado de nacionalidade e de independência (Bastos, 1982).

De acordo com Vianna (2001) com a vinda da Família Real Portuguesa ao Brasil no ano de 1808, houve um impulso na educação e no acesso (promoção) à leitura, onde a criação da Biblioteca Nacional em 1810, o jardim Botânico, que tinham bibliotecas anexas abertas ao público e o surgimento de outras instituições de ensino foram marcos na democratização do acesso ao livro. Desse modo, isso estimulou o surgimento de uma cultura leitora mais ampla, embora ainda restrita às camadas elitizadas da população. O movimento romântico também influenciou a leitura ao valorizar a literatura nacional e popularizar temas como o amor e a natureza.

Nos anos da Revolução Industrial (1760-1840) vinha se afirmando, na Inglaterra, uma nova iniciativa educacional, promovida por particulares: o chamado ensino mútuo ou monitorial, no qual alguns adolescentes orientados diretamente por um educador ensinavam e incentivavam a leitura e a escrita a outros adolescentes. A iniciativa do ensino mútuo proliferou-se rapidamente especialmente por obra de Lancaster, que abriu uma escola para os pobres e que

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 20/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/p2c6bq06
Pages: 1-18

defendia uma educação religiosa não-confessional (leiga). Esta prática, no que se refere a língua materna, tinha a vantagem de associar a leitura e a escrita, atingindo grande número de alunos num mesmo momento, mas mesmo assim continuou com as sequências do silabar e do soletrar, em um processo de ensino mecânico (Knuppel, 2002).

Durante o século XIX, o desenvolvimento do jornalismo e a expansão do mercado editorial começaram a democratizar o acesso à leitura. A criação de bibliotecas públicas e a fundação de sociedades literárias, como a Sociedade Brasileira de Escritores (1909), contribuíram para a disseminação da literatura e da cultura escrita entre as classes médias urbanas emergentes (Lajolo; Zilberman, 1996).

No início do século XX, com as reformas educacionais e a expansão do ensino primário e secundário, a alfabetização começou a se expandir gradualmente. Movimentos literários como o Modernismo (iniciado em 1922 com a Semana de Arte Moderna) trouxeram novas formas de expressão e ampliaram o público leitor, enfatizando a valorização da cultura nacional e a experimentação estética (Lajolo; Zilberman, 1996).

Nas palavras de Jordão (2002) na primeira metade do século XX as aulas de leitura e a dinâmica do ensino podem ser resumidas assim:

> Línguas estrangeiras na escola. A aula de gramática de língua inglesa corre fluida: a professora traduz, escreve no quadro, as alunas copiam atentas (ou não muito). A professora dita, as alunas escrevem (talvez fosse melhor dizer copiam) para decorar depois. Perguntas? A professora sabe as respostas. Sugestões? Melhor deixar para daqui a algumas décadas; hoje, vamos escutar e reproduzir, seguindo o modelo. O texto só permite uma leitura correta, e a professora sabe qual é, porque estudou mais, leu mais, e afinal é a professora, selecionada pela instituição dentre outras candidatas, julgada a melhor e autorizada pela hierarquia. Ela, assim como a autora do texto, sabe o que "o texto" quer dizer, e o consenso se estabelece através da autorização que o saber, aliado à legitimação pelo poder, confere às palavras da autoridade máxima em sala de aula (fora dali a questão muda um pouco de figura: há a coordenação, a direção, as autoridades militares e políticas, o governo, a religião, a tradição — muitos caciques ...). A verdade existe e prevalece no consenso instituído pelo poder; o sucesso do ensino é proporcional à homogeneidade atingida (imposta). Aprender é assimilar e reproduzir, é manter a estrutura do conhecimento em rédeas curtas, é controlar instintos, subjugar a criatividade, estabilizar e mesmificar. Como o avestruz, fecham-se os olhos para a pluralidade em busca de uma homogeneidade aparente e artificial, imposta pelo sistema que se tenta legitimar através da manutenção da ordem, como se esta "ordem" fosse

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 20/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/p2c6bq06
Pages: 1-18

> natural e vivesse em constante ameaça: tanto não é dada nem natural, que precisa ser estabelecida e então "mantida". A aparente certeza que se instaura como fruto do conhecimento conforta, fornece bases sólidas, estrutura; adapta, conforma, satisfaz aqueles que procuram absolutos, e a escola ensina a buscá-los sempre. A sociedade ensina a pensar a verdade em termos absolutos, a cultura ensina a valorizar o que se faz (e se diz) eterno; a história tradicional ensina a pensar na vida como uma busca pelo imutável, pelo perene, pelo que se mantém igual através dos tempos. Tudo se volta contra aqueles que percebem possibilidades de mudança ou deliram sobre uma possível ausência de paradigmas. As instituições são contra os que se opõem à "ordem" estabelecida como natural: a escola castiga e expulsa, a ciência não lhes dá ouvidos, a cultura classifica de "marginal" ou menor, a história trata de ignorar. Quem não se adapta é pernicioso, a menina indisciplinada não merece a atenção ou os cuidados da professora: ou a aluna se cala e conforma, ou sai da escola, do mercado de trabalho, dos círculos do saber, da sociedade (Jordão, 2002, p. 02).

Percebe-se nas palavras acima que na primeira metade do século XX, a leitura e o ensino de baseada na escuta e na reprodução, sempre seguindo um modelo, um padrão, pronto a ser seguido. A leitura dos textos deveria ser feita apenas da forma mais correta possível, e a professora sabia qual é, pois era a que mais havia estudado. O aprender significava assimilação e memorização, o conhecimento era mantido em rédeas curtas, onde os alunos não possuíam liberdade para aprender, subjugando a criatividade, tudo era estável e rotineiro (mesmice).

Prosseguindo, em 1922, inicia-se o modernismo brasileiro, que trouxe uma ruptura nos padrões estéticos e temáticos da literatura. Segundo Candido (2000) o Modernismo ampliou o universo temático da literatura brasileira, incorporando temas antes marginalizados. Movimentos como o Regionalismo e a Semana de Arte Moderna contribuíram para a diversificação dos conteúdos e a expansão do público leitor.

A "educação, para os teóricos pós-modernos, assume então outro papel: o de informar, mostrar, desnudar, ensinar as regras do jogo não apenas para que sejam seguidas, mas principalmente para que possam ser modificadas. Surge a pedagogia da possibilidade" (Jordão, 2002, p. 3).

Durante o período do Estado Novo (1937-1945), o governo de Getúlio Vargas utilizou a leitura como uma ferramenta de propaganda e controle ideológico, através do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). A censura e a

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 20/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/p2c6bq06
Pages: 1-18

regulamentação da produção editorial limitaram a diversidade de temas e opiniões disponíveis para leitura, restringindo a liberdade de expressão (Bastos, 1972).

Após a Segunda Guerra Mundial e durante a redemocratização do país, na década de 1940, houve um crescimento na produção editorial e na circulação de livros. O surgimento de editoras importantes, como a Editora Brasiliense e a Companhia Editora Nacional, contribuiu para a diversificação do mercado editorial e para a disseminação de obras de ficção, ensaios e obras didáticas (Vianna, 2001).

Nas décadas de 1950 e 1960, a expansão da indústria editorial e a criação de políticas públicas voltadas para a educação, como a implantação do Plano Nacional de Alfabetização (1964), ajudaram a aumentar os índices de alfabetização e ampliar o acesso à leitura em diversas regiões do país. A produção literária e o consumo de livros cresceram, impulsionados por movimentos culturais como a Bossa Nova e a Tropicália (Vianna, 2001).

Durante o regime militar (1964-1985), a leitura foi tanto uma forma de resistência quanto de controle ideológico. A censura afetou profundamente a produção editorial, mas movimentos culturais como a Tropicália e a literatura de resistência mantiveram vivos os debates intelectuais. A literatura marginal e as publicações alternativas também desempenharam um papel significativo na resistência cultural (Schwarz, 1992). Ainda, no Brasil, em decorrência ao Golpe Militar em 1964, Knuppel (2002) menciona que:

> o terror e as severas punições atingiram também a rede educacional, provocando grandes conflitos e repressões. Situações conflituosas semelhantes às de 1930 aparece em 1960, com o apego a competência técnica, cuja exigência indispensável para o desenvolvimento passa a ser planejamento. A acusação que se fazia era a de incompetência técnica de planejar situações sociais desejadas. Diante disso, a discriminação de muitas mazelas na área educacional foram divulgadas iniciando um processo ideológico para explicar em grande parte a responsabilidade por estar o Brasil na relação das nações subdesenvolvidas. Os professores passam a ser acusados por esse processo e esse foi um momento propício para que se introduzisse o acordo MEC/USAID, que tinha caráter ideológico, mas que não foi aceito por muitos intelectuais e estudantes. No que se refere à leitura, foi dada ênfase ao papel da alfabetização, mesmo que restringindo-se a um ensino muito técnico. Houve muita censura no tipo de leitura a ser difundida no país. Posteriormente, na década de 1960, começa a multiplicação de instituições e programas voltados para o fomento da leitura. É por essa época que nascem instituições como a Fundação do Livro Escolar (1966), a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (1968) (Knuppel, 2002, p. 22-23).

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 20/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/p2c6bq06
Pages: 1-18

A partir da década de 1970, surgiram novos desafios e oportunidades para a leitura no Brasil. A crise econômica e política afetou o mercado editorial, mas também incentivou o surgimento de editoras independentes e iniciativas culturais alternativas. A disseminação da cultura digital e a popularização da internet abriram novas possibilidades para o acesso à informação e à leitura apesar dos desafios de desigualdade no acesso à tecnologia (Vianna, 2001).

Com o passar dos anos, ainda em 1980, falar de educação ou de leitura em território brasileiro era tratar do elitismo e da falta de oportunidades ao ensino. Assim, no final do século XIX, com a tentativa de atender as necessidades do mercado, verifica-se uma evolução, mesmo que lenta, se comparado ao período colonial, que possuía um sistema ainda mais elitista e carência de obras que estimulassem a leitura eram grandes, principalmente devido ao fato de que naquela época não existia a presença de imprensas (Oliveira; Batista, 2018).

Mais tardar, na segunda metade do século XX, aconteceu a ampliação da prática da leitura e o uso do livro didático, que passa a ser o parceiro nas atividades de leitura. Diante do exposto, percebe-se o tardio interesse, por parte da elite que governava o Brasil, em alfabetizar e incentivar a leitura entre a sociedade (Oliveira; Batista, 2018). Para além, dessa trama histórica, a questão da leitura também se situa em uma trama político, social e cultural. De acordo com Gondinho, Oliveira e Veloso (2020):

> Em meio a uma sociedade letrada, marcada pelas imbricações de uma cultura grafocêntrica, pelas sombras das experiências com as letras, pelas palavras, pelas expressões de uma comunicação registrada e pelos suportes multifacetados da escrita é que se depara introdutoriamente com um dos maiores problemas identificados na realidade escolar brasileira: a leitura. Com os discursos de democratização da escola que marcaram especialmente as décadas de 1980 e 1990 no Brasil, tem-se direcionado nas políticas educacionais ações para o problema de aprendizagem da leitura e da escrita. Este problema é apresentado como o grande gerador das desigualdades na escola, uma vez que é apontado como a explicação para o fracasso escolar. Diante disso, a questão da leitura na atualidade vem se desnaturalizando, quebrando a barreira do supostamente natural e se apresentando como um complexo emaranhado de ditos que ganham legitimidade enquanto prática social. As estatísticas oficiais apontam o problema da leitura como uma causa social, uma vez que é nas camadas populares, em realidade escolar pública, que é mais fortemente indicada as disparidades entre o universo leitor e não-leitor (Gondinho; Oliveira; Veloso, 2020, p. 438).

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 20/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/p2c6bq06
Pages: 1-18

Depreende-se desse pensamento que a leitura é uma problemática que envolve a sociedade como um todo e esse problema geralmente é associado ao fracasso dos estudantes nas escolas e como gerador das desigualdades sociais.

No século XX acreditava-se que a leitura seria capaz de tornar os as pessoas mais críticas e reflexivas. No entanto, Knuppel (2002) descreve que o hábito de ler é uma prática exercida por poucos comparando ao número de campanhas em prol da leitura e ao número de letrados. “Entretanto, este fenômeno não aconteceu, pois à leitura foi dado o poder de alterar comportamentos e tal preocupação levou ao empenho de censurar, controlar e proibir a composição, publicação e venda de livros tidos como inconvenientes” (Knuppel, 2002, p. 23-24). “Importante salientar que depois da década de 70 e, sobretudo, 80 e 90 o mundo conheceu a maior técnica de processamento e armazenamento de informações, a ‘era das tecnologias de informação’, e isto muda a concepção de leitor” (Knuppel, 2002, p. 24).

Segundo Chartier (2001) a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler. Em outras palavras, o texto na tela provoca um distanciamento corporal entre o leitor e o texto. Esta revolução se refere tanto ao sistema de produção, quanto ao “de reprodução dos textos. Noções que levaram séculos para serem construídas, passam por transformações. Hoje, o texto eletrônico, está aberto, às múltiplas reescritas, promove o leitor a ser coautor, no sentido de modificar a estrutura apresentada por um autor” (Knuppel, 2002, p. 24).

Desse modo, depara-se com a perspectiva da universalidade e da interatividade proporcionada pelo texto eletrônico. Chartier (2001) coloca que o livro não vai ser esquecido ou morrer por causa do livro eletrônico, existem espaço para os dois.

Nos últimos anos, a globalização e a revolução digital têm impactado profundamente a leitura no Brasil. As novas tecnologias têm ampliado o acesso à informação e à literatura, transformando os hábitos de leitura e os formatos de publicação. A popularização dos e-books, audiolivros e a disseminação de

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 20/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/p2c6bq06
Pages: 1-18

conteúdos digitais têm alterado a forma como os brasileiros interagem com a literatura (Chartier, 2001).

Enfim, o desenvolvimento e a história da leitura foram influenciados por uma série de fatores, incluindo políticas governamentais, avanços na educação, mudanças na estrutura social e econômica, transformações no mercado editorial, bem como a democratização do acesso à informação. Apesar dos desafios persistentes, a leitura continua a desempenhar um papel fundamental na formação cultural e na construção de identidades individuais e coletivas no país (Oliveira; Batista, 2018; Bastos, 1982).

Em resumo, a história da leitura no Brasil reflete não apenas transformações na educação e cultura, mas também mudanças sociais e tecnológicas que influenciaram e continuam a influenciar a maneira como os brasileiros consomem e valorizam a literatura e o conhecimento escritos (Knuppel, 2002).

Para finalizar essas discussões traz-se Jauss (1994) para contribuir a respeito da história da literatura, mais especificamente em sua obra "A história da literatura como provocação à teoria literária". Nesta obra, o autor supracitado propõe uma reavaliação radical da maneira como entendemos e estudamos a literatura ao longo do tempo.

A ideia central de sua teoria está no conceito de "horizonte de expectativas", que Jauss (1994) utiliza para explorar como a compreensão e a interpretação das obras literárias são moldadas pelas expectativas dos leitores em diferentes períodos históricos. Ele argumenta que cada época possui seu próprio conjunto de expectativas estéticas, éticas e ideológicas que influenciam profundamente a maneira como as obras literárias são recebidas e valorizadas.

Para Jauss (1994), a história da literatura não deve ser meramente uma sucessão cronológica de obras e autores, mas sim um processo dinâmico de interação entre a produção literária e suas condições de recepção. Ele critica abordagens que simplificam a história literária apenas como uma evolução linear de estilos ou movimentos, sugerindo que essa visão ignora a complexidade das interações entre escritores, textos e leitores ao longo do tempo.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 20/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/p2c6bq06
Pages: 1-18

O autor mencionado também introduz o conceito de "efeito de horizonte", que se refere à maneira como as obras literárias podem desafiar ou ampliar os horizontes de expectativas dos leitores, provocando novas formas de compreensão e interpretação. Enfatiza comumente a importância das obras literárias que rompem com as convenções estéticas e ideológicas dominantes, gerando mudanças significativas na história da literatura ao influenciar futuras gerações de escritores e leitores (Jauss, 1994).

Além disso, Jauss (1994) discute a relação entre a história da literatura e a teoria literária, argumentando que a teoria deve ser informada pela prática histórica da leitura e interpretação literárias. Tal autor propõe ainda uma abordagem crítica que não apenas examina as obras literárias em si, mas também investiga seu contexto histórico, as respostas críticas contemporâneas e seu impacto subsequente.

O referido autor utiliza estudos de caso para ilustrar suas teorias, examinando exemplos específicos de obras literárias que foram recebidas de maneiras diversas ao passar dos anos. Jauss (1994) demonstra como as mudanças nas condições sociais, políticas e culturais podem influenciar a forma como as obras são interpretadas, enfatizando a natureza fluida e mutável da história da literatura.

Enfim, pode-se considerar que Jauss (1994) revolucionou a teoria literária ao propor uma abordagem mais dinâmica e contextualizada para a história da literatura, onde a interação entre escritores, textos e leitores desempenha um papel crucial na compreensão das transformações literárias ao longo dos séculos.

4. Considerações Finais

A análise histórica realizada evidencia que a leitura, em suas múltiplas formas e suportes, constitui um fenômeno dinâmico profundamente entrelaçado às transformações sociais, culturais, políticas e tecnológicas que marcaram diferentes períodos da humanidade. Desde os registros rupestres da Antiguidade, passando pelas práticas monásticas medievais, pelo elitismo do Brasil colonial e pelas

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 20/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/p2c6bq06
Pages: 1-18

reformas educacionais dos séculos XIX e XX, até chegar à era digital contemporânea, percebe-se que o ato de ler sempre refletiu as condições de produção do conhecimento e os modos de organização social de cada época.

No contexto brasileiro, observou-se um percurso marcado por desigualdades de acesso, inicialmente restrito às elites e gradualmente democratizado por meio de iniciativas educacionais, políticas públicas e pelo desenvolvimento do mercado editorial. Mesmo assim, persistem desafios históricos que revelam a leitura como um problema social complexo, frequentemente associado às disparidades escolares e às dificuldades estruturais de alfabetização e formação de leitores.

A contemporaneidade introduz novas camadas a essa discussão, especialmente com a emergência das tecnologias digitais, que ampliam possibilidades de acesso, interatividade e circulação do texto, ao mesmo tempo em que impõem novas exigências de letramento. O diálogo entre as formas tradicionais e digitais de leitura confirma que ambas coexistem, cada qual com especificidades, vantagens e limitações, e que a compreensão desse cenário requer uma abordagem ampla e sensível às mudanças culturais em curso.

Nesse panorama, a contribuição de Jauss (1994) revela-se fundamental ao enfatizar que a história da literatura, e, por extensão, da leitura, depende não apenas da produção textual, mas também dos horizontes de expectativas dos leitores, que se renovam continuamente. Sua perspectiva evidencia que o ato de ler é sempre uma relação viva entre o texto e o contexto, capaz de provocar, transformar e ampliar modos de interpretar o mundo.

Assim, pode-se concluir que a leitura, enquanto prática social e cultural, permanece como um elemento essencial na construção do pensamento crítico, na formação de identidades e na ampliação da experiência humana. Compreender sua história é reconhecer que o ato de ler não é estático, mas uma prática em constante reinvenção, moldada pelas necessidades, pelos desafios e pelas possibilidades de cada tempo.

Referências

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 20/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/p2c6bq06
Pages: 1-18

ANJOS, Maylta Brandão dos; RÔÇAS, Giselle; PEREIRA, Marcus Vinicius. Análise de livre interpretação como uma possibilidade de caminho metodológico. **Ensino, Saúde e Ambiente**, v. 12, n. 3, 11 dez. 2019. DOI: https://doi.org/10.22409/resa2019.v12i3.a29108. Disponível em: https://periodicos.uff.br/ ensinosaudeambiente/article/view/29108. Acesso em: 20 out. 2025.

BASTOS, Sílvia Aparecida. **A leitura e a escrita em pleno Brasil Colonial**. São Paulo, Brasiliense: 1982.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. 9. ed. Rio de Janeiro: Itatiaia, 2000.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Memória Sociedade, Difel, 1991.

CORDEIRO, Alexander Magno; OLIVEIRA, Glória Maria de; RENTERÍA, Glória Maria de; GUIMARÃES, Carlos Alberto. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 6, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-69912007000600012&script=sci_arttext. Acesso em: 10 nov. 2025.

GONDINHO, Marta Rochelly Ribeiro; OLIVEIRA, Luisa Xavier; VELOSO, Caio. História da leitura: professores leitores, políticas de circulação do livro e as reverberações na docência. **Revista Entre Línguas**, v. 6, n. 2, p. 436-448, 2020. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/entrelinguas/article/view/14294 . Acesso em: 25 out. 2025.

GUERRA, Avaetê de Lunetta e Rodrigues; STROPARO, Telma Regina; COSTA, Michel da; CASTRO JÚNIOR, Francisco Pires de; LACERDA JÚNIOR, Orivaldo da Silva; BRASIL, Melca Moura; CAMBA, Mariangela. Pesquisa qualitativa e seus fundamentos na investigação científica. **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 15, n. 7, p. e4019, 2024. Disponível em: https://ojs.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/4019. Acesso em: 8 nov. 2025.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JORDÃO, Clarissa Menezes. Uma breve história da leitura no século XX, ou de Como se Podem Calar as Nativas. **Revista de Letras**, n. 5, p. 1-7, 2002. Disponível em: https://revistas.utfpr.edu.br/rl/article/view/2314/1450. Acesso em: 10 set. 2025.

KNUPPEL, Maria Aparecida Crissi. **História da leitura**: do prólogo à inspiração. São Paulo: Unicamp, 2002.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 20/11/2025 - **Accepted:** 30/11/2025
Vol: 21.01
DOI: 10.61164/p2c6bq06
Pages: 1-18

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 1996.

MORAES, Renata da Silva Araújo; COENGA, Rosemar Eurico Coenga. A importância do ler e escrever em sala de aula: a poesia como instrumento. In: COENGA, Rosemar Eurico *et al*. **Estudos sobre Linguagens e Ensino**: Contribuições das Pesquisas do PPGEN - IFMT/UNIC. Goiás: Editora Alta Performance, 2023.

OLIVEIRA, Mônica Luiz Lages de; BATISTA, Geisa Mara. Breve história da leitura escolar no Brasil: a formação de leitores. **Revista Papéis**, v. 22, n. 44, p. 65-85, 2018. Disponível em: https://periodicos.ufms.br/index.php/papeis/article/view/3148 . Acesso em: 18 out. 2025.

SCHWARZ, Roberto. **Misplaced Ideas**: Essays on Brazilian Culture. Serra: Verso, 1992.

VIANNA, Lúcia Helena. **História da Leitura no Brasil**. São Paulo: Editora Ática S.A., 2001.